

## **A emergência da temática disciplinar nos estudos educacionais: um esboço de análise das dissertações produzidas entre 1979 e 1999.**

Orientanda: Daniela Takara

Programa: PIC/FEUSP (sem bolsa)

Orientador: Julio Groppa Aquino

### **Introdução**

A presente pesquisa vinculada ao projeto intitulado "Dos processos de governamentalização escolar contemporâneos: uma análise das teses e dissertações sobre (in)disciplina escolar", sob orientação do Prof. Dr. Julio Groppa Aquino, teve como objetivo mapear as dissertações de mestrado dedicadas ao tema da (in)disciplina escolar produzidas entre 1979 e 1999. Foram selecionadas 27 dissertações, e a análise deteve-se em suas configurações temática e teórico-metodológica, bem como em suas conclusões e encaminhamentos<sup>1</sup>.

Tal *corpus* do trabalho foi recolhido e catalogado a partir de investigações realizadas junto ao banco de dados da CAPES, ao acervo eletrônico de bibliotecas públicas e privadas em todo o país e às bibliotecas da Universidade de São Paulo. Com o material em mãos, foi possível perceber a relevância que o tema (in)disciplina tem ganhado no decorrer das duas décadas precedentes.

A primeira aparição no Brasil de um estudo acadêmico voltado ao tema foi em 1979, sob autoria de Carlos Vasconcelos Farias, e com defesa na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Na década seguinte, foram produzidos cinco novos estudos, dentre os quais dois no estado de São Paulo, dois no Rio de Janeiro e um em Santa Catarina – todos na área da educação. Já nos anos 1990, 21 dissertações foram defendidas, estando 11 delas concentradas na segunda metade da década; além disso, os

---

<sup>1</sup> Vale dizer que privilegiamos a análise do primeiro elemento – configuração temática –, uma vez que nosso principal interesse residiu, desde o início da pesquisa, em verificar o emprego da (in)disciplina como objeto de pesquisa.

trabalhos desse período incluíram-se em outras áreas de pesquisa além da educação: a psicologia (três trabalhos) e a linguística (um trabalho).

O aumento de 300% na última metade da década de 1990 mostra a grande relevância que o tema adquiriu como objeto de pesquisa àqueles que têm no cotidiano escolar seu *locus* de trabalho – seja ele teórico ou prático. Tais dados suscitaram as seguintes questões: quais seriam as explicações para a emergência do tema como objeto de pesquisa?; uma vez tendo se tornado uma temática tão relevante, de que forma a (in)disciplina é apresentada pelos trabalhos aqui analisados?

Para respondê-las foi necessário mapear os estudos, promovendo uma descrição dos trabalhos selecionados a fim de configurar o percurso metodológico adotado por cada pesquisador, de modo a perscrutar as forças que compõem as abordagens forjadas, problematizadas e discutidas no decorrer dos escritos. Assim, num movimento de bricolagem, buscaremos novas possibilidades de montagens e combinações, das quais poderá derivar determinada inteligibilidade do movimento pelo qual o objeto (in)disciplina tornou-se tão aparente e visível.

No entanto, é necessário ressaltar que este trabalho não foi cumprido na sua íntegra, pois, embora a Comissão de Pesquisa tenha estendido a data de entrega deste relatório final, houve modificações no cronograma inicial da pesquisa: devido a uma série de entraves operacionais, tivemos algumas dificuldades na captação do *corpus* empírico de pesquisa, cuja localização estava difusa em todo o país. Contatos com bibliotecas e requisições aos mais diversos programas de comutação de obras acadêmicas tomaram extraordinário tempo e, desse modo, o processo analítico começou somente após os seis primeiros meses do início oficial da Iniciação Científica.

Para além de tal atraso, no embate com as fontes da pesquisa entramos em contato com outras dissertações cuja inclusão foi inevitável no rol de trabalhos analisados, pois tomamos como princípio que o rigor com as fontes pesquisadas ocupa lugar basal na conduta acadêmica quando se pretende esboçar um panorama geral acerca de determinado objeto de estudo.

A seguir, está arrolada uma tabela das dissertações analisadas e atualizadas. Sua ordenação corresponde ao ano em que o trabalho foi defendido; trabalhos defendidos no mesmo ano foram classificados segundo a ordem alfabética do sobrenome do autor.

	<b>ano</b>	<b>instituição</b>	<b>autor(a)</b>	<b>título</b>
1	1979	PUC-RJ	Farias, C.V	<i>Indisciplina escolar: conceitos e preconceitos</i>
2	1986	FGV-RJ	Ramos, C. M. C.	<i>A questão do poder: a visão de Michel Foucault e uma análise aplicada à escola</i>
3	1988	PUC-RJ	Ramos, A. H.	<i>Disciplina escolar: releitura de um antigo tema</i>
4	1988	UFSC	Siqueira, M. J. T.	<i>O exercício do poder disciplinar no cotidiano da escola</i>
5	1989	PUC-SP	Ivanoff, N.	<i>Sistema disciplinar na escola: autonomia ou submissão</i>
6	1989	PUC-SP	Noffs, N. de A.	<i>Disciplina: a busca espontaneidade na escola</i>
7	1990	UNICAMP	Ruschel, L. I.	<i>Fotografia do cotidiano escolar: o preço da disciplina é a eterna vigilância</i>
8	1991	PUCCAMP	Domingos, J.	<i>A pedagogia da ordem e da desordem: o problema disciplinar no ensino fundamental</i>
9	1991	UFF	Paula, M. F. C.	<i>O poder disciplinar da escola sobre o corpo</i>
10	1993	UnB	Aquino, M. V. F.	<i>Adolescentes com problemas de disciplina na escola: experiências estressoras e indicadores de apoio social</i>
11	1993	UFMG	Resende, R. M. G.	<i>Disciplina na escola: uma realidade ambivalente a leitura da normalidade na perspectiva dos alunos</i>
12	1994	PUC-SP	Parolin, I. C. H.	<i>Disciplina: uma construção no grupo.</i>
13	1994	PUC-SP	Silva, L. C. F.	<i>Disciplina escolar e transformação social: uma interação necessária</i>
14	1995	UERJ	Ianelli, M. R. Q.	<i>Representação da disciplina por professores e alunos</i>
15	1995	UFRN	Medeiros, C. P.	<i>A disciplina escolar: a (in)disciplina do desejo</i>
16	1995	UEL	Valle, M. C. C.	<i>Padrões de comportamento disciplinares do aluno: dificuldades associadas aos processos interacionais no cotidiano escolar</i>
17	1996	USP	Nakayama, A. M.	<i>Disciplina na escola: o que pensam os alunos, pais e professores de uma escola de primeiro grau</i>
18	1996	UFRJ	Souza, J. R. S.	<i>A disciplina pelo olhar de adolescentes do primeiro grau no Rio de Janeiro</i>
19	1997	UERJ	Nazareth Neto, M. M. S. D. S.	<i>Indisciplina escolar: como os professores do ensino fundamental da escola pública lidam com esse problema</i>
20	1998	UNICAMP	Narezzi, E. C.	<i>O poder em sala de aula: disputas, amenização e sedução</i>
21	1998	UFC	Sobrinho, A. M.	<i>Identificando a prática disciplinar no</i>

				<i>cotidiano da sala de aula e seu papel na (de) formação do sujeito: uma abordagem foucaultiana</i>
22	1999	UFRN	Bellini, R. L.	<i>Representações sociais da (in)disciplina</i>
23	1999	UFPEl	Christino, M. I. S.	<i>Disciplina e subjetividade na escola: a formação da virtude da obediência</i>
24	1999	UFBA	Fialho, J. F. M. B.	<i>(In)disciplina: concepções e práticas no cotidiano escolar</i>
25	1999	UFSC	Laterman, I.	<i>Violências, incivilidades e indisciplinas no meio escolar: um estudo em dois estabelecimentos da rede pública</i>
26	1999	USP	Lima, A. L. G.	<i>De como ensinar o aluno a obedecer (um estudo dos discursos sobre a disciplina escolar entre 1944 e 1965)</i>
27	1999	PUCCAMP	Lopes, S. C.	<i>A criança e a indisciplina escolar à luz da teoria psicanalítica</i>

O aumento da produção acadêmica que se debruçou sobre a (in)disciplina no decorrer dos anos é perceptível; se atentarmos aos argumentos apresentados como justificativa das pesquisas, encontraremos como motivo primeiro, sem exceção, as diversas queixas e reclamações advindas dos sujeitos que atuam na escola. Além disso, a primeira dissertação defendida no Brasil acerca desse tema tem início lamentando-se da ausência de outras pesquisas sobre o mesmo assunto no país: “no Brasil há uma falta de pesquisas, de forma que não se podem ainda ter generalizações nesse ramo em nossa realidade” (FARIAS, 1979, p.1), ainda que registros escolares acerca da (in)disciplina fossem numerosos.

As pesquisas seguintes, apesar de aludirem ao progressivo número de pesquisadores que se voltavam ao tema, questionam a eficácia dos trabalhos acadêmicos quanto à intenção de apresentarem possíveis soluções aos problemas pesquisados, visto que as reclamações dos sujeitos que atuam na escola não cessam; ao contrário, só aumentam.

Não objetivamos, neste trabalho, apresentar um posicionamento aquém ou além das diversas posições assumidas nos trabalhos analisados, pois entendemos que o caráter reiterativo e, portanto, circular de todo o processo de estimulação e germinação dessas pesquisas não é um espelhamento da realidade. Ao contrário, compreendemos que se trata tão somente de um efeito performativo de um processo maior e mais amplo, em que as imagens descritas nas pesquisas operam como uma injunção à realidade que, por sua vez, incita os pesquisadores a debruçarem-se sobre o tema.

No entanto, uma vez que a (in)disciplina foi eleita como objeto de atenção, coube aos pesquisadores questionarem-se sobre o modo como o fenômeno manifesta-se na escola, quais os agenciamentos que culminam no mal-estar docente. Nos parágrafos seguintes, examinaremos mais pormenorizadamente seus temas, objetos e metodologias.

## A configuração temática dos trabalhos

Entende-se por configuração temática o resultado da função composta por três variantes: o objeto de conhecimento que o pesquisador elege para sua análise; o objetivo a que se pretende chegar; e a hipótese sobre o objeto de estudo em questão. No quadro a seguir, apresentamos como esses três itens distribuem-se nas dissertações aqui analisadas.

<b>configuração temática</b>			
	<b>tema/objeto</b>	<b>objetivo/foco</b>	<b>hipótese/o que é (in)disciplina</b>
1	indisciplina de alunos do 1º grau	Analisar a frequência e os tipos de indisciplina mais cometidos pelos alunos.	A indisciplina é causada pela falta de adequação do aluno ao mundo adulto: “a grande maioria dos professores [...] concebe a ‘indisciplina’ como um comportamento que foge aos padrões estabelecidos pela escola ou pela sociedade.” (p. 63)
2	o professor como elemento constituinte da instituição escolar, cuja função é normalizar por meio da disciplina	Tornar explícitos os mecanismos e instrumentos da disciplina nas relações entre os elementos da escola, enfocando especialmente o papel do professor.	A disciplina é o adestramento dos alunos via conhecimentos e técnicas formuladas a partir da observação e do registro da conduta dos alunos.
3	disciplina escolar	Aprofundar a compreensão do modo como os três aspectos da disciplina expressam-se na prática escolar.	A disciplina é composta por três aspectos: 1. relação psico-social; 2. organização do trabalho escolar; 3. formação de hábitos intelectuais.
4	questão do poder disciplinar na escola	A partir da descrição das práticas cotidianas da escola, traçar relações entre o que foi observado e as estratégias do poder disciplinar.	A disciplina é criadora de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento; veicula um discurso que é o da norma e define um código que é o da normalidade; refere-se ao horizonte teórico das ciências humanas, e sua jurisprudência é a de um saber clínico.
5	questões disciplinares na escola	Identificar o que é indisciplina, como se desenvolve uma ação	A disciplina é o instrumento de inculcação ideológica; a indisciplina,

		disciplinadora, suas causas e sugestões a partir dos sujeitos pesquisados.	por sua vez, é a possibilidade de mudança.
6	como atingir uma disciplina democrática?	Elaborar uma proposta alternativa para a solução do problema da indisciplina.	A disciplina democrática pressupõe um clima criado por todos os elementos envolvidos no ato pedagógico e educativo, visando a transformação do mesmo.
7	relações que se estabelecem cotidianamente na instituição escolar, especialmente no que se refere aos códigos disciplinares	Fazer uma análise descritiva da instituição escolar, enfocando os mecanismos disciplinares de vigilância, repressão, violência e punição a fim de encontrar as resistências.	Haveria uma insatisfação generalizada que permearia as relações no interior da escola em negação da ordem vigente.
8	relação da disciplina com os conceitos ou a prática da autoridade, da liberdade ou do castigo	Buscar alternativas de solução ao sistema tradicional.	A disciplina tradicional oprime a liberdade individual, não fornecendo possibilidades de desenvolvimento das potencialidades dos alunos.
9	poder disciplinar exercido na escola sobre os corpos dos alunos	Investigar o tratamento dado pela escola aos corpos dos alunos e analisar a teoria que a escola transmite sobre o corpo.	O papel disciplinador consiste no controle e na produção do comportamento dos homens, bem como em sua transformação em objeto de saber.
10	problema da disciplina entre adolescentes	Analisar experiências estressoras e os indicadores de apoio social de adolescentes com e sem problemas de disciplina na escola; apresentar a percepção de professores e alunos sobre a questão da disciplina.	A disciplina está vinculada à ordem imposta, à submissão de alguém a outra pessoa; é uma necessidade para a boa convivência social.
11	processos contraditórios implícitos nas relações pedagógicas – manifestações dos envolvidos na instituição escolar face ao sistema disciplinador	Realizar uma observação das normas disciplinares; desmistificar a culpabilidade atribuída aos alunos.	A indisciplina consiste em pequenas infrações, cuja frequência interfere diretamente na produtividade e aprendizagem dos alunos; qualquer comportamento que venha reduzir a eficácia da escola é considerado “perturbação da ordem”.
12	construir com um grupo de professores um conceito de	Conhecer as dificuldades que o professor tem para a	A disciplina é a possibilidade de

	disciplina que possa nortear suas práticas pedagógicas	construção, condução, orientação ou determinação disciplinar da turma; construir, com um grupo de professores, uma concepção de disciplina que possa atender às necessidades individuais do aluno.	enfrentamento das situações de conflito entre o professor, o aluno e o conhecimento; trabalho com entusiasmo, envolvimento com a tarefa.
13	papel que a disciplina cumpre no processo educacional	Analisar no que constitui o fenômeno educativo.	A disciplina é necessária para ordenar, sequenciar e hierarquizar a transformação social.
14	indisciplina como um problema pois afeta o aluno e seu rendimento	Investigar como alunos e professores percebem o problema da disciplina.	A disciplina escolar consiste de relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor, da observância de preceitos ou normas, da submissão a um regulamento; a indisciplina é uma forma de resistência.
15	causa da indisciplina escolar	Compreender o porquê da indisciplina e encontrar pistas de como agir.	A aprendizagem depende de regras particulares e naturais; o problema é causado por tudo o que não se adapta às regras.
16	problemas disciplinares	Identificar comportamentos considerados indisciplinados; verificar a interferência de diferentes atitudes pedagógicas frente ao problema da indisciplina.	O aluno indisciplinado é reconhecido quando apresenta comportamentos agressivos, dificuldades no relacionamento com colegas e professores, ou seja, quando os incomoda e, além disso, apresenta um baixo rendimento acadêmico; o aluno disciplinado é aquele que participa ativamente, é adaptado às regras institucionais e apresenta bom rendimento acadêmico.
17	alunos indisciplinados	Identificar a opinião de pais, alunos e professores sobre a disciplina.	Para o exercício da plena cidadania, é necessário regulamentar a convivência das crianças e dos jovens entre eles próprios e com os adultos, num clima de respeito que permita o trabalho pedagógico e a maior circulação do conhecimento.



18	relações de poder no espaço escolar	Analisar os sentidos da palavra indisciplina para os alunos.	A disciplina representa ordem, autoridade e poder – aspectos da educação tradicional.
19	atuação de professores em sala de aula em relação à indisciplina	Detectar os fatores que causam a indisciplina, bem como as atitudes positivas e negativas do professor para controlá-la.	A disciplina consiste no grau de organização ou ordem imposta por alguém; é o método pelo qual a ordem é estabelecida; sinônimo de punição.
20	relações de poder dentro da sala de aula	Identificar as estratégias usadas pelo professor para que a resistência seja amenizada, evitando sérias disputas pela posse do poder.	A resistência é uma forma de romper a dominação exclusiva do professor.
21	disciplina em sala de aula	Identificar e analisar as representações ou concepções docentes acerca da disciplina, bem como as estratégias disciplinadoras que os professores utilizam para manter o bom comportamento do aluno.	A disciplina é a obediência e submissão do aluno às normas e regulamentos estabelecidos
22	indisciplina escolar como construção psicossocial	Analisar o sentido da indisciplina para os atores nos espaços de relacionamento; buscar captar os sentidos sociais subjacentes às representações sobre a indisciplina; caracterizar o fazer pedagógico.	A tensão entre disciplina e indisciplina aparece nos seguintes elementos: interesse/desinteresse; atenção/dispersão; participação/desligamento; ficar quieto, sentado e não dar trabalho/inquietação, agitação, brincadeiras; fazer as tarefas/não cumprir as tarefas; respeito, atenção ao professor, aceitar o que é proposto/rebeldia, rejeição à escola, não atender ao professor; assíduo, pontual/faltoso
23	relações de poder como produtoras de subjetividades; as malhas do poder no cotidiano da escola	Investigar a produção de sujeitos no conjunto de práticas do cotidiano escolar, atentando para como a escola divide os sujeitos em alunos disciplinados e indisciplinados, como trata um grupo e outro grupo e de que forma esse processo é normalizador e formador de subjetividades.	A disciplina é um instrumento de serialização, modelização, normalização e formação de identidades uniformes; uma arte do corpo humano que visa não unicamente ao aumento de suas habilidades, tampouco fundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais

			obediente quanto é mais útil, e inversamente.
24	relações sociais entre professores e alunos; concepções sobre indisciplina; práticas adotadas por professores e diretores	Analisar as concepções e as ações dos alunos, professores e diretores a respeito do problema da indisciplina.	A disciplina consiste em ordem e silêncio ou solidariedade, participação e conhecimento ou ainda respostas convenientes e bem conectadas aos objetivos propostos nos exercícios escolares. A indisciplina consiste em rebeldia, desordem, incompatibilidade de expectativas
25	violência escolar	Investigar o que é e como se manifesta a violência escolar para professores e alunos.	As agressões verbais, segundo a autora, transformam-se em violência; o ideal seria uma disciplina que aproximasse e organizasse todos os alunos para a realização das tarefas.
26	valores morais e estratégias disciplinares que regularam a conduta docente e discente nas escolas públicas de São Paulo entre 1944 e 1965	Identificar sob a perspectiva histórica os discursos produzidos sobre a disciplina escolar e sobre seu avesso; como a indisciplina era explicada por integrantes prestigiados do magistério.	A questão da disciplina inclui uma dimensão física (higiene, educação física, trabalhos manuais e arquitetura) e uma dimensão moral (formação do caráter, obediência e bom comportamento).
27	atos indisciplinados	Identificar características dos comportamentos classificados como indisciplinados e analisá-los a partir da compreensão psicanalítica.	Os comportamentos indisciplinados compreendem agressão a professores e colegas e atos contra materiais/patrimônio da escola.

Dentre as temáticas arroladas, somente três pesquisas não têm como tema central a (in)disciplina escolar: as de Narezzi (1998), Christino (1999) e Latermann (1999). Este se debruçou sobre a violência escolar e entendeu que ela tem vários níveis; um deles pode ser descrito como indisciplina. Os outros dois ocuparam-se das relações de poder, sendo que Christino interessou-se pela produção de sujeitos a partir das práticas escolares e Latermann quis verificar o gesto docente para a manutenção do poder em sala de aula.

Nas demais pesquisas, a despeito do tema recorrente, algumas questões acerca do objeto encontram eco em alguns trabalhos, noutros não. A partir de seus objetivos, criamos quatro categorias que nortearão a análise das configurações teórico-metodológicas explicitadas mais adiante.

Há um grupo cujo objetivo é explicar, determinar e circunscrever o fenômeno da (in)disciplina. Nesse grupo, os trabalhos caracterizam o objeto de forma a alcançar uma suposta totalidade verossímil do fenômeno, ou seja, *o que é* esse fenômeno; num segundo grupo, as pesquisas nortearam-se para tão somente descrever os fenômenos interpretados como indisciplinados – *como* manifestam as ações; um terceiro grupo objetivou determinar as causas latentes que culminam no mal-estar de todos os envolvidos no processo educativo – *o porquê*; um quarto e último grupo pretendeu enfaticamente propor soluções, fornecer *respostas* ao problema com o intuito de sanar as queixas oriundas dos professores.

### ***O que é (in)disciplina?***

Há cerca de três décadas, a (in)disciplina vem ocupando uma posição de protagonista em pesquisas acadêmicas defendidas no país. Para alçar essa posição, foi necessário determinar sua essência, circunscrever o fenômeno, ilustrar o que a constitui. A grande maioria das pesquisas aqui analisadas (13 ao total) teve como objetivo explicar detalhadamente qual era seu objeto de pesquisa.

Farias (1979) objetivou identificar quais atos eram classificados como indisciplinados e com qual frequência eles ocorriam; recorrendo à aplicação de entrevistas, Ramos (1986) mapeou as concepções de disciplina e indisciplinados dos professores e relacionou-as com as dos alunos. Após uma lacuna de sete anos, em 1993, Aquino, com o objetivo de dar voz aos alunos costumeiramente rotulados como indisciplinados, investigou quais experiências estressoras estavam relacionadas às atitudes indisciplinadas dos alunos, e quais são os indicadores de apoio social pelos quais os alunos passavam ou não. Ancorado nas práticas educacionais pessoais, Silva (1994) discorreu sobre o que constitui o fenômeno educativo para, então, propor uma reflexão teórica acerca do papel que a disciplina cumpre no processo educacional. Num movimento contrário ao de Silva, Ianelli (1995) buscou verificar empiricamente, a partir de falas e desenhos, o que pensam professores e alunos sobre o problema da disciplina.

Valle (1995), solidária às constantes queixas dos professores acerca da indisciplina discente, pretendeu levantar dados junto a professores da rede municipal da cidade de Londrina a respeito dos problemas disciplinares enfrentados no cotidiano escolar. No entanto, seu estudo não pôde ter continuidade, pois a Secretaria Municipal de Ensino reformulou de modo repentino o sistema de ensino do município, implantando o Ciclo Básico e a aprovação automática da 1ª para a 2ª série. Com essa medida, a pesquisa foi abandonada, pois não havia mais suporte administrativo por parte da Prefeitura para a realização da mesma. Após seis anos, em 1994, um segundo estudo foi realizado nos moldes do primeiro: levantar junto aos professores o que se entendia por indisciplina e verificar se ocorreram mudanças em sua definição. No ano seguinte, foi a vez de os alunos serem ouvidos: Souza (1996) empenhou-se em dar luz às falas de alunos sobre a (in)disciplina. Num movimento englobador, Nakayama (1996), além de ouvir os alunos, relacionou suas falas às dos pais e professores a fim de circunscrever o objeto a partir dos atores que estão diretamente ligados a ele.

Partindo da hipótese de que há um distanciamento entre o discurso sobre a disciplina e a prática promovida, o estudo de Sobrinho (1998) visou identificar e analisar as representações dos professores em relação à disciplina, para então verificar como se dá em ato a prática disciplinar na sala de aula. Bellini (1999) lançou mão da construção do objeto a partir da representação social dos professores, por supor que, partindo desse referencial teórico-metodológico, detectar-se-ia o sentido da indisciplina para os atores nos espaços de relacionamento. Já Laterman (1999) identificou quais atos eram considerados violentos, incivilizados e indisciplinados de acordo com a medição do clima, “observados a partir dos resultados individuais (satisfação, rendimento e qualidade de vida); resultados de grupo (coesão, moral e resultados) e resultados organizacionais (rendimento escolar, eficácia, adaptação e evolução)” (p.45).

A partir de uma revisão histórica, Lopes (1999) analisou atos indisciplinados de alunos, a fim reconhecer ali uma fuga do espaço seguro em que suas capacidades são testadas; concomitante às respostas dos professores a tais atos, a pesquisadora verificou que, devido ao deslocamento conceitual da disciplina no decorrer dos anos, os professores sentem-se com dificuldades para lidar com o comportamento das crianças e, desse modo, afrouxam as regras, criando outros tantos atos indisciplinados. Por fim, Fialho (1999) apresentou sua pesquisa de modo crítico à postura da escola em relação ao tratamento dispensado aos alunos: “por que não desenvolver nas salas de aulas um

trabalho que privilegie a escuta pedagógica?” (FIALHO, p.13). A partir dessa questão, a pesquisadora baiana procurou determinar e analisar as concepções que professores, alunos e pessoal técnico-administrativo têm a respeito da (in)disciplina e como eles procedem em face de algum ato (in)disciplinado dos alunos.

Notamos que todos os trabalhos até aqui mencionados tiveram como objetivo determinar e circunscrever o objeto de pesquisa, qual seja, a disciplina ou a indisciplina discente. Elegar a dupla disciplina/indisciplina como objeto de pesquisa pressupõe uma vontade de saber que ultrapassa a urgência empírica. Em nome de quê tal objeto é escolhido como protagonista de uma pesquisa acadêmica?

### ***Como ocorre?***

Segundo um grupo de pesquisadores, a descrição tem primado sobre a explicação. Pintar-se-á o quadro para então explicar sua tonalidade, sua forma, sua consistência. Trilhando esse caminho, em menor número, encontramos pesquisas cujo objetivo foi descrever o funcionamento das ações consideradas problemáticas no meio escolar. São elas: Ramos (1986), Siqueira (1988), Ramos (1988), Ruschel (1990), Domingos (1991), Resende (1993), Narezzi (1998), Christino (1999) e Lima (1999).

A partir do conceito de poder disciplinar cunhado por Foucault (2004), que concebe, na produção de saberes, uma técnica propícia ao adestramento e controle de corpos e almas, Ramos (1986) pretendeu “tornar explícitos os mecanismos e instrumentos da disciplina nas relações entre os elementos da escola, enfocando especialmente o papel do professor” (p.viii). Afastado por dois anos da pesquisa anterior, o trabalho de Siqueira (1988), defendido em Santa Catarina, o primeiro trabalho (e único da década de 1980) fora da região Sudeste do país, apresenta uma análise semelhante à anterior, porém sob outra perspectiva: a descrição etnográfica. Tomando por base a realidade escolar descrita pela pesquisadora, o estudo identificou quais estratégias do poder disciplinar são postas em prática de modo a normalizar os corpos dos alunos e, assim, criar um ambiente disciplinado na escola.

A partir de uma reflexão teórica a respeito da função da escola pública, Ramos (1986) toma como disparador de sua pesquisa a seguinte citação de Mello: “a apropriação do saber exige, de todas as pessoas, esforço, trabalho e disciplina” (p.18), visto que a função primeira da escola é a transmissão do saber de modo crítico. No

entanto, para que tal fenômeno ocorra, é necessária a existência de certo consenso a respeito da conduta das personagens envolvidas e, dessa maneira,

“quem está na escola, sabe que não é possível desenvolver todo o trabalho pedagógico, com toda a complexidade e dificuldade que envolve tanto para os professores quanto para os alunos, em um ambiente de desordem, onde as bolinhas de papel orbitam para todos os lados, onde cascudos estalam a cada cinco minutos, onde dezenas de vozes disputam a primazia da altitude, onde, enfim, não estejam estabelecidas as condições mínimas indispensáveis à apropriação do saber” (p.19).

Ramos apresenta três concepções de disciplina com as quais pretende analisar os fenômenos observados na escola: 1) a disciplina como aspecto da relação psicossocial, em que se observam os comportamentos dos alunos a fim de categorizá-los sob conceitos como *status*, papel, representação, categorização e expectativa (POSTIC, 1982); 2) a disciplina como aspecto da organização do trabalho escolar, na medida em que dela deriva a atitude disciplinar do aluno, ou seja, “ela é, por um lado, parte do processo educativo e, por outro, fator indispensável para que este processo se realize e seus objetivos sejam alcançados” (p.46); e 3) a disciplina como aspecto da formação de hábitos intelectuais, pois “estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar e não repetir o que os outros dizem” (FREIRE apud RAMOS, 1986, p.56).

Defendida na Universidade de Campinas, a pesquisa de Ruschel (1990) teve como objetivo fotografar a “instituição escolar centralizando as preocupações nos mecanismos disciplinares de vigilância, repressão, violência e punição” (p.4), para encontrar algum elo entre a “insatisfação generalizada que permeia as relações no interior da escola” (p. 15) e as atitudes de resistência contra um modelo normalizador e excludente.

O trabalho de Resende (1993), de cunho etnográfico, debruça-se sobre os processos contraditórios implícitos nas relações pedagógicas, de modo a desmistificar a culpabilidade atribuída aos alunos pelo – de acordo com o pesquisador – fracasso escolar. Segundo Resende, o objetivo da pesquisa é superar a visão mecânica “que define o aluno de forma passiva, somente como objeto de disciplinamento e domesticação” (p.8). Já o trabalho de Narezzi (1998) é a primeira – e única – pesquisa realizada junto ao departamento de Linguística Aplicada, ou seja, fora do âmbito estritamente educacional. A pesquisa tomou corpo a partir da descrição e análise de aulas de língua francesa numa universidade paulista e focalizou as estratégias utilizadas pelo professor como forma de “amenizar os conflitos existentes dentro da sala de aula,

rompendo resistências e fazendo com que o aluno se envolva com o seu objeto de estudo que é, no caso, a língua francesa” (resumo). Dessa forma, o professor mascararia um autoritarismo que, imperceptível aos alunos, os ludibria fazendo-os crer que possuem um “poder que eles, na verdade, não têm” (p.3).

O objetivo da pesquisa de Christino (1999) forma-se na medida em que os dados coletados no lócus empírico produzem uma trama de relações de poder de modo a formatar subjetividades, fabricar corpos submissos e úteis, corpos dóceis. O trabalho defendido por Godinho Lima (1999) optou por focar a disciplina sob o aspecto histórico: a pesquisadora pretendeu identificar os discursos produzidos sobre a disciplina escolar em revistas especializadas, manuais pedagógicos e leis, datados entre 1944 e 1965. Interessava verificar como era explicada a indisciplina por integrantes prestigiados do magistério e assim pontuar as estratégias disciplinares que regularam a conduta docente e discente na época.

### ***Por quê?***

Numa tentativa analítica mais sofisticada, duas pesquisas dispuseram-se a determinar as causas do mal-estar docente. Partindo da premissa de que há, de largada, um problema de indisciplina escolar, esses dois trabalhos lançaram mão de configurações teórico-metodológicas variadas para apreender os motivos pelos quais os professores reclamam tanto de certas atitudes dos alunos.

Medeiros (1995), trilhando o caminho teórico das proposições de Freud acerca da educação, desenvolve uma reflexão a respeito do mal-estar escolar: o problema da indisciplina. Tendo percorrido o tema da indisciplina pela história, a pesquisadora potiguar verificou que o fenômeno fora inventado no momento em que se promulgou o bom condicionamento do corpo para transformá-lo em serviço, trabalho, mercadoria, ou seja, no início da modernidade. A pesquisadora procurou compreender as causas dessas ações não adaptadas às regras da modernidade, da sala de aula, dos ritos escolares, recorrendo ao conceito freudiano de desejo de saber para justificar sua hipótese: para que a aprendizagem ocorra, é necessário um laço com o desejo de saber, sendo este não homogeneizado, padronizado, normalizado.

Voltando o olhar para o professor, mais especificamente para a atuação do professor em sala de aula, Nazareth Neto (1997) encaminhou sua pesquisa no sentido de

detectar os fatores que causam a indisciplina, assim como as reações dos professores em face das atitudes indisciplinadas dos alunos. Dessa maneira, pretendeu avaliar quais atitudes logravam sucesso e quais fracassavam, de modo que fosse possível desenvolver uma proposta de reformulação dos currículos de formação do professor a fim de encaminhá-la da melhor maneira possível para que os futuros professores pudessem resolver tais problemas de forma mais eficiente.

### ***A resposta***

Esta última série tem um enfoque completamente diferente das demais pesquisas, pois os trabalhos que nela se encontram têm caráter propositivo: de largada, busca-se um modo outro de encarar a relação professor-aluno para que as reclamações acerca da (in)disciplina findem. A partir da elaboração teórica de Jacob Levy Moreno, o mentor da técnica do psicodrama, Noffs (1989) propôs tal prática como forma de atingir a disciplina democrática. Apoiando-se na concepção de disciplina do Projeto Pedagógico Psicodramático, o qual dispõe que todos devem envolver-se num mesmo clima para que o ato pedagógico tenha sucesso, a pesquisadora visou à transformação tanto dos professores, como dos alunos.

Seguindo o mesmo aporte teórico do trabalho anterior, Parolin (1994) também utilizou o método do psicodrama para a coleta de dados. A partir da interação com um grupo de professores, a pesquisadora pretendeu aplicar a técnica para construir um conceito de disciplina de modo a nortear a prática pedagógica de cada um dos professores envolvidos. Conhecendo as dificuldades que cada professor tem para a construção, condução e orientação disciplinar das turmas, todo o esforço foi no sentido de chegar a uma maneira de atender às necessidades individuais dos alunos.

Apoiando-se teoricamente na concepção foucaultiana do poder disciplinar para analisar o tratamento dado pela escola aos corpos dos alunos e como seus conhecimentos teóricos são transmitidos, Paula (1991) engendrou sua pesquisa partindo de uma crítica ao ensino tradicional – entendido como a condensação da ideia de corpo na condição de representante do mundo natural (biológico) e do mundo psico-sócio-cultural –, para então tecer sugestões de modelos de ensino que fossem contra a rígida disciplina do tempo, espaço, espírito, intelecto etc., de modo a não mais “formar



indivíduos submissos, dóceis e alienados” (p.305), pois enquadrados nos valores do sistema capitalista burguês, mas sujeitos autônomos e críticos.

### ***À guisa de concluir***

De todos os trabalhos arrolados nessa descrição geral, seja qualificando o objeto, descrevendo como ele funciona ou verificando suas causas, notamos um norte comum: produzir um saber acerca do objeto a partir de técnicas de notação e classificação para, por meio de um panorama teórico-metodológico, chegar à essência do fenômeno e destacar a falha precedente às queixas, ao mal-estar, ao fracasso escolar.

Trata-se aí, a nosso ver, de algo próximo ao que Foucault (1995), discorrendo sobre o processo de constituição do sujeito como objeto de conhecimento, denominou de prática de investigação. Seguindo esse raciocínio, a (in)disciplina é objetificada nessas pesquisas, ou seja, eleita como objeto científico, sendo assim fundada em um campo conceitual e passível de receber definições e classificações. Se somarmos isso à hipótese da função performativa da linguagem, podemos dizer que esse movimento corrobora a existência factual da (in)disciplina.

Desta feita, as pesquisas chegaram a delimitar, determinar seu objeto: a (in)disciplina. Suas hipóteses conduzem a dois planos distintos, porém axiomáticos: há trabalhos que versam sobre a (falta de) adequação às situações escolares, dentre os quais as pesquisas de Farias (1979), Ramos (1988), Noffs (1989), Ruschel (1990), Domingos (1991), Resende (1993), Parolin (1994), Ianelli (1995), Medeiros (1995), Valle (1995), Narezzi (1998), Sobrinho (1998), Bellini (1999), Lima (1999), Lopes (1999) e Latermann (1999). Tais trabalhos presumem que a (in)disciplina seja um fenômeno causador de uma “insatisfação generalizada que permeia as relações no interior da escola em negação da ordem vigente” (RUSCHEL, 1990), insatisfação esta expressa pelas ações dos alunos, pelas ações dos professores e até mesmo pela própria organização da escola (SIQUEIRA, 1988).

Os demais trabalhos entendem a (in)disciplina ora como forma de adestramento e inculcação ideológica, ora como atitude de resistência ao *status quo*. Se construída democraticamente, esta seria a boa disciplina, transformaria os homens em objeto de saber (PAULA, 1991), regulamentando a convivência das crianças e dos jovens de maneira a permitir no trabalho pedagógico a maior circulação do conhecimento

ordenado, sequenciado e hierarquizado (SILVA, 1991; NAKAYAMA, 1996); aquela, portanto, seria a má disciplina, que visaria manter o aluno na situação de oprimido, alienado.

## A configuração teórico-metodológica dos trabalhos

A configuração teórico-metodológica compreende as fontes dos dados coletados; os sujeitos e documentos analisados; o local onde tais materiais foram encontrados; e o procedimento de análise assumido por cada pesquisador, assim como suas referências teóricas. Segue um quadro acerca da distribuição desses elementos nas dissertações analisadas.

configuração teórico-metodológica					
	instrumentos/ fonte de dados	sujeitos/ documentos	lôcus empírico	tipo de abordagem/ procedimento	principais autores/ referências teóricas
1	três estudos: a) ECIEL (Estudos Conjuntos de Integração Econômica Latinoamericana ) b) pesquisa quantitativa em duas escolas c) estudo de caso	a) alunos do 1º, 4º, 6º e último ano secundário b) professores c) alunos de 6ª série e professores	a) Paraguai: 63 unidades escolares urbanas, semi- urbanas e rurais, públicas e particulares; Argentina: 68 escolas primárias e secundárias, públicas e particulares localizadas em Buenos Aires e Grande Buenos Aires; Brasil: 47 escolas públicas e particulares, cobrindo o plano-piloto de Brasília e as cidades-satélite de Taguatinga, Ceilândia e Planaltina; Bolívia: 63 escolas urbanas e rurais, públicas e particulares, bilíngues e unilíngues b) duas escolas do município do Rio de Janeiro:	a) questionário b) entrevistas c) questionários distintos para meninos e meninas e entrevista para o professor	Melvin L. Kohn; Henry Lindgren; Mary Waldrop; Charles Halverson.

			“uma caracterizada por um corpo discente de baixo nível sócio-econômico e a outra por alunos de maiores recursos” (FARIAS, p.60) c) escola da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro		
2	documentos	planejamento curricular e regulamento dos conselhos de classe	duas escolas públicas de 1º grau do Rio de Janeiro	análise genealógica dos documentos escolares	Michel Foucault
3	observações, entrevistas, análise documental, questionários	alunos, professoras, fichas individuais dos alunos	escola de 1º grau da rede pública considerada bem sucedida	estudo de caso – abordagem qualitativa	Marcel Postic; Luiz Antônio Carvalho Franco
4	observação e contatos informais; entrevista com a diretora; questionários respondidos por psicólogos	alunos, professora, diretora, vídeo, fotos e planta da escola	1ª série de uma pequena escola da rede municipal de ensino de Florianópolis (RAMOS , p.105)	descrição positiva do que a professora e seus alunos fazem, bem como do que a direção faz (RAMOS , p.77)	Michel Foucault
5	entrevistas	16 alunos de 6ª e 7ª séries, professores do nível II do 1º grau, orientadora educacional, inspetor de alunos	escola municipal de 1º grau na periferia de São Paulo	análise a partir dos temas verificados nas entrevistas	Roger W. McIntire; Burrhus Frederic Skinner
6	observação participante	professores	colégio Raio de Sol, centro educacional moreniano (escola particular)	descrição da prática; elaboração de propostas alternativas para uma prática transformadora	Jacob Levy Moreno
7	regimento da escola da rede oficial do estado de SP; depoimento, livro de	alunos, inspetores, diretores, professores, documento oficial, livro de	escola, documento oficial	análise descritiva	Michel Foucault; Pierre Bourdieu; Maurício Tragtemberg

	ocorrência; entrevistas	ocorrência			
8	sistema salesiano; textos de educadores sobre o método pedagógico dos jesuítas	pesquisas	pesquisas acadêmicas	análise documental	Alfred Adler; George Kerschensteiner
9	estudo de caso; entrevistas	alunos, professores, coordenadores, diretores, regimento interno, carta de princípio, material didático	escola	análise do tratamento dado pela escola aos corpos dos alunos; análise da teoria que a escola transmite sobre o corpo	Michel Foucault
10	entrevista; questionário	professores e alunos	escola	análise estatística	Paulo Freire; Ilca Oliveira de Almeida Viana; Neide de Aquino Noffs
11	observação; entrevistas não diretas	alunos; regimento escolar/normas disciplinares	escola pública municipal	estudo de caso, pesquisa etnográfica	Michel Foucault; Antonio Gramsci; Pierre Bourdieu
12	fita gravada durante as sessões, conversas informais	professores	escola particular de classe média alta no sul do país (Florianópolis)	aplicação do método do psicodrama (moreno)	Henri Wallon; Jacob Levy Moreno; Célestin Freinet
13	textos teóricos	discursos produzidos por especialistas	textos, livros	trabalho teórico/reflexivo	Michel Foucault; autores escolanovistas
14	falas, desenhos, entrevistas	alunos, professores	escola pública (RJ)	análise de conteúdo, representação social	Serge Moscovici; Maria Alice Vanzolini da; Ivete Freire
15	textos teóricos	livros de Freud	livros	pesquisa teórica	Sigmund Freud; Phillipe Aires; Mario Manacora; Michel Foucault
16	entrevistas com professores; relatos	Alunos do 1º grau; professores	rede municipal de londrina (174 escolas)	construir a imagem do aluno disciplinado e indisciplinado a partir da fala dos professores	Beatriz Judite Lima Scoz
17	questionário	alunos, pais, professores, funcionários	duas escolas públicas paulistas	a análise das respostas para compor o	Michel Foucault; Émile Durkheim; Jean

				imaginário sobre a indisciplina	Piaget
18	entrevistas, observação etnográfica	alunos do 1º grau do município do RJ	escola	análise do discurso	Michel Foucault; Carlos Ginzburg
19	entrevistas, documentos, questionários	professores	três escolas públicas	estudo de caso	Michel Foucault; William E. Amos e Reginald C. Orem; Carlos Vasconcelos Farias
20	aulas gravadas; entrevistas	alunos, professores	sala de aula do 6º semestre de língua francesa da universidade	análise do discursivo	Michel Foucault; Maria Aparecida Morgado
21	observação; entrevistas	alunos de 5ª a 8ª série	escola pública de ensino fundamental de Fortaleza;	estudo de campo	Michel Foucault
22	observação etnográfica; entrevista	professores	escola pública de Natal	análise de conteúdo e de discursos	Michel Foucault; Serge Moscovici
23	documentos, entrevistas, observação diária	livro de ocorrência e regimento escolar	escola	trabalho analítico-reflexivo	Michel Foucault
24	observação	direção, vice-direção, ajudantes, professores e alunos	escola do município de Itabuna - BA	trabalho descritivo	Michel Foucault
25	questionários; entrevistas; observações	professores; alunos; especialistas; diretores; registros escolares	duas escolas públicas	observações cotidianas; entrevistas; questionários	Eric Debarbieux; Yves De La Taille
26	revistas, documentos, entrevistas	revistas, documentos, entrevistas	três períodos educacionais; manuais de didática; legislação sobre a disciplina	análise reflexiva	Michel Foucault; Phillipe Ariès; George Snyders; Maria Teresa Estrela
27	documentos (livro de ocorrência) e entrevistas	livro de ocorrência e professores	escola pública de Guarulhos	entrevista e análise documental	Sigmund Freud; Mariano Narodowski; Maria L. M. F. Xavier e Maria B. C. Rodrigues

Os percursos metodológicos adotados pelos pesquisadores, assim como seus aportes teóricos, são demasiado plurais, pois partem de objetos configurados sob as mais variadas perspectivas. Apesar de se valerem, algumas vezes, do mesmo instrumento de captação de dados – a entrevista, por exemplo –, o percurso analítico toma caminhos heterogêneos, não sendo possível, portanto, padronizá-los numa mesma série ou categoria.

No entanto, como recurso analítico, recorreremos a uma divisão geral dos elementos constitutivos da configuração teórico-metodológica com o objetivo de verificar se há algum ponto em comum entre os trabalhos aqui em questão, os quais, sob uma leitura superficial, parecem ter caminhos e pontos de chegada diferentes.

Das 27 dissertações analisadas, somente dez não se valeram de entrevistas para a captação de dados empíricos. Excetuando aquelas que adotaram um trabalho teórico-reflexivo, o qual se constitui em uma revisão teórica acerca do tema destacado – Domingos (1991), Silva (1994), Medeiros (1995), Lima (1999) –, todas as demais pesquisas tiveram como lócus a escola: ora para a captação de material humano, tal como relatos, entrevistas e aplicação de questionários; ora para a retenção de documentos escolares capazes de sanar o questionamento feito acerca do objeto tratado.

Nos trabalhos cujo objetivo era verificar *o que é* a (in)disciplina, o método adotado foi, na grande maioria, o da entrevista. Dentre eles enquadram-se os trabalhos de Ramos (1988), Ivanoff (1989), Aquino (1993), Ianelli (1995), Valle (1995), Souza (1996), Sobrinho (1998), Bellini (1999), Laterman (1999) e Lopes (1999). Além da entrevista, destacamos os trabalhos de Ramos (1988), Souza (1996), Sobrinho (1998) e Bellini (1999) por também utilizarem o método da observação *in loco*. Ainda, documentos, questionários e gravações em meio audiovisual foram contemplados pelos trabalhos de Ramos (1988), Lopes (1999) e Fialho (1999), os quais se debruçaram sobre os documentos; Ramos (1988), Laterman (1999), sobre os questionários; e Parolin (1994), sobre uma gravação em vídeo.

De fato, a partir das fontes coletadas, aos pesquisadores foi possível a construção e uma possível reflexão acerca da (in)disciplina, seja por meio de professores, alunos e equipe administrativa ou por meio de análise documental de regimentos escolares, livros de ocorrências e documentos oficiais empregados na administração das escolas.

Foi diretamente a partir das personagens que atuam na escola ou a partir das leis e regimentos que conduzem as condutas que os pesquisadores puderam construir seu perspectivado recorte sobre a (in)disciplina.

Talvez residam aí as queixas dos pesquisadores quando protestam quanto à eficácia dos encaminhamentos dos trabalhos precedentes. A forma circunscrita de desenhar o problema em questão promoveria uma inadequação entre a descrição e a realidade do momento da leitura. Deslocar a cena descrita para a realidade do agora da leitura – processo em que muitos pesquisadores se apoiaram para justificar suas pesquisas – estaria fadado ao insucesso, à inadequação, à inverossimilhança com o real.

Os trabalhos cujo objetivo era analisar *como* os atos (in)disciplinados ocorriam também utilizaram a entrevista – Siqueira (1988), Ruschel (1990), Paula (1991), Resende (1993). Em menor quantidade foram aqueles que se debruçaram sobre observação – Ramos (1986) e Resende (1993). No entanto, a análise documental permaneceu na mesma quantidade que o outro objetivo, como visto nos trabalhos de Ramos (1986), Ruschel (1990), Lima (1999). Uma vez que os trabalhos cujo objetivo era descrever os atos considerados (in)disciplinados foram mais escassos em relação aos que se propuseram a explicar o que constitui o fenômeno, esses números não são relevantes.

Relevante é, no entanto, verificar que a tentativa de descrição do ato perpassa todo o período histórico analisado nesta pesquisa, forçando-nos a concluir que, a despeito das tentativas de conceituação do fenômeno (in)disciplina, sua descrição foge ao desenvolvimento analítico acerca do objeto. Quiçá as várias tentativas ora de descrição, ora de circunscrição não se cumprem pelo simples motivo de a (in)disciplina não ser passível de descrição, de fixação conceitual. Sendo um fenômeno plástico e relacional, ela é resultado de uma função com diversas variáveis e, desse modo, qualquer tentativa de descrição parecerá, no decorrer do tempo e do espaço, escapar à realidade empírica.

Dos três trabalhos cujo enfoque era explicar o *porquê* do acontecimento (in)disciplina, somente um utilizou o método estudo de caso – Nazareth Neto (1997) –; os outros dois – Medeiros (1995) e Christino (1999) – optaram por uma análise reflexiva baseada em fontes textuais.



O autor convocado por 60% das pesquisas analisadas foi Michel Foucault. Todos os trabalhos voltados à descrição positiva dos fenômenos considerados (in)disciplinados citam-no e tem nele sua principal referência teórica. Ademais, dentre os trabalhos cujo objetivo era a determinação do que se constata empiricamente como (in)disciplina, somente as pesquisas de Silva (1994), Souza (1996), Nazareth Neto (1997), Sobrinho (1998), Bellini (1999) e Fialho (1999) utilizaram o pensador francês como referência bibliográfica, muito embora outros autores apareçam nesses trabalhos muitas vezes para contrapor o conceito de disciplina proposto por Foucault.

Os trabalhos de Medeiros (1995), Nazareth Neto (1997) e Christino (1999) constituem aqueles cujo objetivo era explicar os motivos pelos quais a (in)disciplina é forjada; todos eles recorrem ao filósofo francês para explicar, em algum momento, o processo entre a correção do corpo para a docilização do mesmo, porém divergem quanto ao enfoque adotado para reproduzir o autor: Medeiros (1995) discute o problema da disciplina exacerbada, ricamente descrita na obra *Vigiar e Punir* (2004); Nazareth Netto (1997) recorre à mesma obra, mas acentua o aspecto punitivo da disciplina; Christino (1999) vê na disciplina imposta aos corpos estudantis uma técnica que pressupõe o aumento da docilidade em paralelo à obediência passiva.

Somente um trabalho – Narezzi (1998) – teve por objetivo analisar aulas de um professor de língua francesa a fim de captar as técnicas utilizadas pelo professor para seduzir o aluno, fazê-lo concordar com todas as instruções, de modo a construir situações harmônicas e de falso poder: partindo da análise do que constitui o poder disciplinar, a autora propõe que o professor aja de modo a convencer os alunos de que eles detêm o controle da aula; trata-se, pois, de um poder de decisão baseado na sedução.

## A conclusão dos trabalhos: resultados e encaminhamentos

Do mesmo modo que os caminhos teórico-metodológicos dos trabalhos não eram consoantes entre si nas pesquisas analisadas, as conclusões apontam para lugares diferentes: empatia, modificação do sistema educacional, formação de cidadão crítico, disciplina necessária etc. No entanto, mesmo que tangencialmente, todos os trabalhos aludem a todos os temas.

Seja forjando a ideia de que a escola possui características autoritárias, e por isso produz ações de insatisfação – identificadas pelos atores que lá atuam como indisciplina –, seja prescrevendo a reformulação da relação professor-aluno a partir de afeto, carinho, amizade; seja enaltecendo os atos que destoam do habitual por discordarem da ordem vigente, a escola, no ideário dos pesquisadores analisados, ainda ocupa o lugar privilegiado para formar cidadãos críticos e, portanto, capazes de, no a partir dela, forjar uma sociedade mais democrática e justa.

Operar na chave dicotômica disciplina/indisciplina, disciplina boa/disciplina ruim é assumir de largada a existência de determinado objeto de conhecimento. Desse modo, cria-se um campo semântico-pragmático onde é possível legislar a conduta alheia, as boas e as más ações etc. Governar, pois.

A seguir, apresentamos um quadro analítico acerca dos resultados e encaminhamentos encontrados nos trabalhos.

	<b>conclusões</b>	
	<b>principais resultados</b>	<b>encaminhamentos</b>
1	Diferentes níveis socioeconômicos, diferentes “indisciplinas”; professores sisudos têm problemas com indisciplinas, e professores carinhosos não.	Buscar mais empatia na relação professor-aluno.
2	A disciplina é relacionada à produção de saberes (à autoridade do professor).	Não há encaminhamentos.
3	Para construir uma atividade disciplinada dos alunos, é preciso que a escola seja disciplinada.	Repensar criticamente o sistema de ensino.
4	Não bastam mudanças amplas no plano macro se não forem previstas as transformações a serem introduzidas no cotidiano (plano micro).	Desprendermo-nos de nós mesmos e da ilusão dos grandes projetos e das grandes teleologias.
5	A indisciplina é a possibilidade de um comportamento organizado; é o germe da	Desenvolver um sistema disciplinar formador de indivíduos críticos; propor

	reivindicação.	modificações.
6	A disciplina foi conquistada com a introdução do projeto pedagógico psicodramático, o qual, além de contar com a participação de todos, implicou a introdução de elementos vindos da espontaneidade.	Ater-se à prática, à vivência, à sistematização e à transformação da escola a partir do trabalho coletivo.
7	Existência de um código de comportamento legal (regimento) - público e geral - e de outro cotidiano, em que se definem as indisciplinas.	Necessidade da disciplina sedimentada no diálogo para que uma escola seja organizada democraticamente.
8	As experiências de classes livres, escolas-livres, ou escolas-novas (EUA, Europa) merecem ser observadas e colocadas em prática; há poucas alternativas brasileiras, mas destacam-se os CIEPs, RJ.	Pôr em prática outros modelos pedagógicos.
9	A escola possui potencial transformador.	Democratização das relações de poder.
10	A escola é autoritária e por isso gera indisciplina.	Estabelecer relações pedagógicas mais democráticas; disciplina participativa.
11	Controle e vigilância: produção de saber e dominação do corpo; escola: lugar de socialização e produção de conhecimento.	O processo disciplinar deve se basear no desenvolvimento das habilidades cognitivas.
12	Estudar as emoções (Wallon) faz com que o professor consiga trabalhar o seu aluno por inteiro e, assim, elaborar melhor o seu próprio emocional.	Vivenciar as dúvidas e queixas fará com que o professor liberte-se e humanize-se no processo de construção de um novo professor.
13	Há sérios problemas no discurso e na prática.	Disciplinar a ação; retomar a questão da disciplina em outros termos.
14	Na escola a disciplina é construída de forma autoritária e a liberdade é posta sob tensão.	Para conciliar interesses individuais e coletivos em prol de uma educação para a cidadania, é preciso que o professor tenha sensibilidade e afetividade para travar uma relação democrática com os alunos.
15	O fracasso do desejo de saber gera indisciplina	A prática deve estar articulada ao desejo de saber. Deve-se reinventar a prática, aproximando-se do desejo.
16	O aluno irreverente não é adequado à escola ou a escola não é adequada ao aluno? A postura do professor alteraria a atitude do aluno	Alteração curricular nos cursos de formação e capacitação de professores.
17	Há necessidade de uma escola disciplinada, mas o que se encontra são prédios depredados.	A escola deve assumir a tarefa para a qual foi destinada: formar as novas gerações para a construção de uma sociedade melhor. Ela tem de ser disciplinada para tornar-se mais eficaz.
18	A concepção de educação é determinista, taxativa, excludente.	A escola deve formar cidadãos autônomos e críticos.
19	Falta informação aos professores, por isso é necessária a formação dos mesmos para controlar os problemas disciplinares e resolver inquietações sem tumulto. O papel da escola é formar cidadãos plenos.	Os professores devem adquirir conhecimento das contribuições da abordagem comportamental e cognitiva, respeitando as interpretações dos alunos.

20	A sedução aparece como a melhor forma de amenizar conflitos existentes dentro da sala de aula. O professor democrático usa democracia como artifício da sedução.	Compartilhamento das responsabilidades pelas escolhas e diminuição da resistência dos alunos.
21	A prática disciplinar diminui o poder de resistência do aluno.	Construção de uma relação social mais democrática ou dialógica; formação de sujeitos críticos e autônomos; saber comprometido com a desconstrução das práticas de adestramento.
22	+ ação - empatia = disciplina - ação + apatia = indisciplina	Não há encaminhamentos.
23	Situação configurada na escola: projeto de sociedade; professores e alunos normalizados.	Retorno da educação para o âmbito da relação pedagógica; a escola deve voltar a ser o melhor lugar para aprender e ensinar, seduzindo os alunos de forma prazerosa.
24	Professores: desencanto, desinteresse, descontentamento. Alunos: não querem aquele lugar, que cansa e aliena.	A educação deve ser permeada pelo sentimento de afeição e comunicação. Valorização de si mesmo, da escola, da sala de aula; falar sobre a família; regras construídas no grupo.
25	Incivilidade: indivíduos destituídos de direitos, ou seja, não são cidadãos plenos.	Medidas punitivas só têm efeito se também houver medidas educativas; é preciso educar para a cidadania.
26	A legislação aparece reeditada nos discursos educacionais.	Não há encaminhamentos.
27	Interdição não elaborada culmina na não atuação do superego, ou seja, em crianças "pedindo limite" a partir de atos indisciplinados. Tudo isso é a ausência da castração.	Avaliar a introjeção das leis (ECA), pois elas interditam a escola de disciplinar o corpo do aluno. Será que há o vislumbamento de disciplinar a alma? Sim: a disciplina é retirada do corpo infantil e transferida para a escola.

Mais uma vez cometeremos a imprudência de aglutinar as conclusões analisadas em alguns grupos, para fins de análise.

Há uma coerência entre os sujeitos/dados analisados e a conclusão a que o pesquisador chega: aqueles trabalhos cuja fonte de dados eram os gestos docentes e/ou suas representações mantiveram em suas conclusões encaminhamentos voltados às práticas docente: atividade disciplinada (RAMOS, 1988; VALLE, 1995), humanização nas relações (PAROLIN, 1994), um maior disciplinamento nas ações (SILVA, 1994), atenção aos aspectos psicológicos dos alunos (MEDEIROS, 1995) e aos conhecimentos comportamental e cognitivo (NAZARETH NETO, 1997), além da democratização das relações sociais (SOBRINHO, 1998).

Alguns trabalhos destinaram seus encaminhamentos para a instituição escolar, incluindo-se aí todos aqueles que estão envolvidos com o processo pedagógico. Nas conclusões desse grupo, encontramos a necessidade da transformação do cotidiano escolar (SIQUEIRA, 1986), seja a partir técnicas como o psicodrama (NOFFS, 1989), seja a partir de uma humanização das relações (RUSCHEL, 1990), ora pela sedução (BELLINI, 1999; CHRISTINO, 1999), ora pela postura democrática que a escola deve adotar (PAULA, 1991; AQUINO, 1993; FIALHO, 1999).

Há ainda um grupo interseccional em relação a todos esses já citados, porém com proposições configuradas de maneira totalmente oposta aos grupos anteriores: tais trabalhos apregoam a (in)disciplina como meio para atingir outra ordem, não mais imposta externamente, não mais opressora. Essa nova ordem seria regida pela democracia.

Seja maculando as práticas tradicionais, autoritárias, opressivas e, por outro lado, enaltecendo as atitudes de resistência; seja discriminando a liberdade excessiva que a modernidade incutiu nas crianças, fazendo-as perderem o senso de limite; seja propondo novas relações pedagógicas; seja, porém, detratando as atuais configurações do sistema escolar, não há nenhum trabalho dentre os analisados em que não se fale da absoluta necessidade da escola no sentido da transformação da sociedade com vista à democracia.

## Conclusão

A disciplina última, a esperada, a desejada é a disciplina da democracia. Isso não nos surpreende, uma vez que a democracia não é objeto de discordância entre os teóricos da educação (AZANHA, 1987). No entanto, o ponto fulcral de toda a discussão é o modo como se pretende que tal disciplina seja alcançada.

Palavras de ordem como *humanização, liberdade, empatia, espontaneidade e emoção* constroem um campo semântico-pragmático propício às noções de autogoverno, autoconhecimento, autogestão. A qualidade primeira de uma sociedade democrática seria a livre expressão atrelada à adequação da vida na *polis*, à ação política. Segundo as pesquisas analisadas, essa boa ação política só seria possível por meio de uma ordem reguladora, disciplinar. A questão da disciplina, desde Kant, já estava atrelada à prática da liberdade: “Como cultivar a liberdade juntamente com a disciplina?” (KANT apud PONGRATS, 1899, p.177). É o mesmo filósofo quem responde: “deve-se mostrar à criança que se impõe a disciplina a ela com o intuito de levá-la a fazer uso de sua própria liberdade, que se cultiva a criança para que ela, ao final do processo, se torne livre [...]” (idem, p.177).

A fundação da escola moderna é solidária à criação dos Estados Modernos e, como àquela época a personalidade individual tornou-se um elemento central da cultura intelectual, o *ser* passou a ocupar um lugar mais caro aos pedagogos e professores do que o *saber*. Houve, portanto, um esforço para relacionar o conhecimento particularizado dos indivíduos, mormente dos escolares, à moldagem de sua sensibilidade moral a partir de uma tecnologia nomeada por Jorge Ramos do Ó (2007) de disciplinar-normalizadora.

Tal tecnologia, baseada nos conhecimentos psicológicos, ditava aos professores que se diziam modernos o efetivo conhecimento das leis psicológicas de cada escolar, a fim de “variar as suas metodologias de ensino de acordo com a estrutura de cada inteligência e o temperamento individual” (RAMOS DO Ó, 2007, p.37). Instituiu-se, assim, o “ensino por medida”, o qual mais tarde transformar-se-ia na máxima pedagógica por excelência da modernidade. Não obstante, Resende (1993) e Nazareth Neto (1997), em seus encaminhamentos, prescrevem aos professores que adaptem as aulas, os conteúdos e o currículo de acordo com os alunos.

A reboque da individualização dos processos de aprendizagem, forjou-se um novo modelo de integração moral em que a autonomia e a liberdade foram tomadas como práticas cada vez mais basais para o desenrolar do modelo de educação disseminado ao longo do século XX, o qual nos afeta inteiramente no presente.

O discurso pedagógico moderno criou um ideal-tipo moral: o estudante independente-responsável (RAMOS DO Ó, 2007), o qual seria capaz de ponderar seus atos e comportamentos de modo a encontrar a melhor forma de se adaptar espontaneamente à vida escolar, ou seja, o verdadeiro ensino seria fazer com que o aluno descobrisse por si mesmo a melhor forma de instituir um lugar social no espaço que ele próprio ocupa.

Assim, a disciplina deslocou-se para o interior dos escolares, para sua alma, constituindo-se como um exercício cada vez mais solitário, associado à autonomia e iniciativa pessoal de cada indivíduo. Para fazer valer a máxima pedagógica moderna, é necessário conduzir a conduta alheia; fazer com que o aluno submeta-se aos comandos do professor e aja disciplinadamente de modo a estar apto para usufruir da liberdade tão apregoada pelos pensadores das luzes.

As tecnologias de subjetivação aí imbricadas, em conjunto com as racionalidades políticas, “são formas de produzir os meios e os fins da autoridade política [...] inventando técnicas e construindo dispositivos para agir sobre a vida e a conduta dos sujeitos, de modo a produzi-los nos formatos desejados” (ROSE, 1998, p.68; tradução nossa).

Destarte, o aluno ideal a ser construído nas escolas é aquele reflexivo, crítico, democrático; o modo pelo qual isso ocorre assemelha-se às práticas de subjetivação descritas por Rose, mesmo quando essas mesmas práticas são execradas por Medeiros (1995) em suas considerações sobre a disciplina exacerbada utilizada nas prisões descritas por Foucault em *Vigiar e Punir* (2007); ou por Christino (1999), que vê na disciplina imposta aos corpos estudantis uma técnica que pressupõe o aumento da docilidade em paralelo à obediência passiva.

Em suma, se não se discute a primazia da democracia nas escolas, o caminho para se chegar a ela tornou-se indispensável nas pesquisas acadêmicas. A eleição da dupla disciplina/indisciplina foi feita pelas pesquisas aqui analisadas pelo fato de haver

muitas reclamações daqueles que atuam na escola, tal como já discutido no capítulo “A configuração temática dos trabalhos”.

No entanto, é importante lembrar que, como já explicitado aqui, ao construir a (in)disciplina sob seus aspectos descritivos, conceituais e germinais, tais pesquisas acabam por traçar linhas materializáveis na realidade, fixando determinado elemento real àquela categorização abstrata e arbitrária.



## Referências

- AZANHA, J.M.P. *Educação: alguns escritos*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.
- AQUINO, M. V. F. *Adolescentes com problemas de disciplina na escola: experiências estressoras e indicadores de apoio social*. 1993. Dissertação – Universidade de Brasília, DF.
- BELLINI, R. L. *Representações sociais da (in)disciplina*. 1999. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN.
- CHRISTINO, M. I. S. *Disciplina e subjetividade na escola: a formação da virtude da obediência*. 1999. Dissertação – Universidade Federal de Pelotas, RS.
- DOMINGOS, J. *A pedagogia da ordem e da desordem: o problema disciplinar no ensino fundamental*. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- FARIAS, C.V. *Indisciplina escolar: conceitos e preconceitos*. 1979. Dissertação (Departamento de Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.
- FIALHO, J. F. M. B. *In)disciplina: concepções e práticas no cotidiano escolar*. 1999. Dissertação – Universidade Federal da Bahia, BA.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-249.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes. 2008.
- IANELLI, M. R. Q. *Representação da disciplina por professores e alunos*. 1995. Dissertação – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ.
- IVANOFF, N. *Sistema disciplinar na escola: autonomia ou submissão*. 1989. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- LATERMAN, I. *Violências, incivildades e indisciplinas no meio escolar: um estudo em dois estabelecimentos da rede pública*. 1999. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, SC.
- LIMA, A. L. G. *De como ensinar o aluno a obedecer (um estudo dos discursos sobre a disciplina escolar entre 1944 e 1965)*. 1999. Dissertação – Universidade de São Paulo, SP.
- LOPES, S. C. *A criança e a indisciplina escolar à luz da teoria psicanalítica*. 1999. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- MEDEIROS, C. P. *A disciplina escolar: a (in)disciplina do desejo*. 1995. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN.
- NAREZZI, E. C. *O poder em sala de aula: disputas, amenização e sedução*. 1998. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, SP.
- NAZARETH NETO, M. M. S. D. S. *Indisciplina escolar: como os professores do ensino fundamental da escola pública lidam com esse problema*. 1997. Dissertação – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ.

- NAKAYAMA, A. M. *Disciplina na escola: o que pensam os alunos, pais e professores de uma escola de primeiro grau*. 1996. Dissertação – Universidade de São Paulo, SP.
- NOFFS, N. de A. *Disciplina: a busca espontaneidade na escola*. 1989. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- PAROLIN, I. C. H. *Disciplina: uma construção no grupo*. 1994. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- PAULA, M. F. C. *O poder disciplinar da escola sobre o corpo*. 1991. Dissertação – Universidade Federal Fluminense, RJ.
- PONGRATZ, L.A. Liberdade e disciplina: transformações na punição pedagógica. In: PETERS, M.; BESLEY, T. *Por que Foucault?* Porto Alegre: Artmed, 2008. p.40-50.
- RAMOS, A. H. *Disciplina escolar: releitura de um antigo tema*. 1988. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.
- RAMOS, C. M. C. *A questão do poder: a visão de Michel Foucault e uma análise aplicada à escola*. 1986. Dissertação (Departamento de Filosofia) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ.
- RAMOS DO Ó, Jorge. O governo do aluno na modernidade. *Revista Educação, Especial Biblioteca do Professor: Foucault pensa a educação*, v.3, p.36-45, São Paulo, Editora Segmento, 2007.
- RESENDE, R. M. G. *Disciplina na escola: uma realidade ambivalente a leitura da normalidade na perspectiva dos alunos*. 1993. Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais, MG.
- ROSE, N. *Inventing our selves: psychology, power and personhood*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- RUSCHEL, L. I. *Fotografia do Cotidiano escolar: o preço da disciplina é a eterna vigilância*. 1990. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, SP.
- SILVA, L. C. F. *Disciplina escolar e transformação social: uma interação necessária*. 1994. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- SIQUEIRA, M. J. T. *O exercício do poder disciplinar no cotidiano da escola*. 1988. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- SOBRINHO, A. M. *Identificando a prática disciplinar no cotidiano da sala de aula e seu papel na (de formação do sujeito: uma abordagem foucaultiana)*. 1998. Dissertação – Universidade Federal do Ceará, CE.
- SOUZA, J. R. S. *A disciplina pelo olhar de adolescentes do primeiro grau no Rio de Janeiro*. 1996. Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.
- VALLE, M. C. C. *Padrões de comportamento disciplinares do aluno: dificuldades associadas aos processos interacionais no cotidiano escolar*. 1995. Dissertação – Universidade Estadual de Londrina, PR.